



## HOJE É DIA DE ROCK

( Roteiro para um espetáculo em estilo de romance)

### P E R S O N A G E N S

- PEDRO - O Pai, sertanejo lírico, forte, velho mas jovial
- ADÉLIA - Sua mulher, a Mãe, forte, nobre.
- ROSÁRIO - Filha mais velha, cega, mística. Ela é o repositório da família. Uma espécie de anjo enigmático, frágil, quase/inexistente. Ela está sempre presente na ação, silenciosa.
- QUINCAS - Filho mais velho, aventureiro. Uma espécie de cafajeste iluminado.
- DAVI - Filho do meio, sacerdotal, também muito delicado, herdeiro do sonho do pai.
- VALENTE - Filho mais novo, trágico, solitário.
- ISABEL - Filha mais nova, sonhadeira, vaidosa, confidente de Valente.
- SEU GUILHERME - Músico de banda, bêbado de botequim, amigo de Pedro.
- DONA EFIGÊNIA - Negra amiga de Adélia, freguesa do botequim, vizinha.
- ELVIS PRESLEY - Namorado de Isabel. Mecânico. Tipo " Juventude / Transviada".
- NEUZINHA / MULHER DE QUINCAS - aventureira como ele, um pouco pirata, um pouco cigana.
- INCA - Índia nascida nos Andes, vidente.



## P R I M E I R A   P A R T E

ERA UMA VEZ...

(Para ser projetado em gótico de livro infantil velho)

Era uma vez um maestro de banda, Pedro, que morava com sua mulher, Adélia, mais os cinco filhos num lugar chamado Minas.

Ele aprendeu teoria musical por conta própria através do "Método Gianini", único até então conhecido.

Tudo isso já faz muito tempo e nem se sabe se Minas ainda existe. Um dia Pedro ouviu uma música tão extraordinária, que para escrevê-la seria preciso inventar uma clave diferente das do "Método Gianini", tarefa à qual ele dedicou sua vida, como se verá...

(As luzes acendem as partituras, a clarineta, o cavalete, a cadeira)

PEDRO - Vem que eu te espero... Vem, vem, meu amor, eu espero teu rosto, espero tua voz. Vem que eu espero tua linguagem, / tua palavra que eu chamei de Minas. (ADÉLIA, SUA FIGURA, COLORIDA, ACENA DISTANTE, COM UMA SOMBRINHA CÔR DE ROSA). Vem... (ADÉLIA ACENA). Adélia. (A VOZ DE ISABEL CANTA " / "VIAJANTE VIAJANTE" ). Adélia. (ADÉLIA CONTINUA ACENANDO.) É ela que não está me ouvindo ou minha voz que não existe mais? (ADÉLIA SOME).

(PEDRO SOLFEJA A MÚSICA QUE ISABEL CANTA. A MÚSICA É SOLFEJADA POR ELE E CANTADA POR ELA, DO COMEÇO AO FIM. SILENCIO). Mas eu ouvi! Tenho certeza que eu ouvi. E até agora, mesmo nesse minuto, eu posso descrever como foi. Foi assim (A VOZ DE ISABEL VOLTA A CANTAR A MÚSICA). Eu escutei a música uma vez. Só uma vez. Inteira.





NESSA ÉPOCA ELES MORAVAM NA BEIRA DUMA ESTRADA E TINHAM UMA VENDA, POR ONDE PASSAVA UMA JARDINEIRA, DE SEMANA EM SEMANA, LEVANDO NÃO SE SABE PRA ONDE UMA GENTE MAGRA, SUJA DE UMA TERRA VERMELHA, E QUE ESTAVA INDO-SE EMBORA.

ADÉLIA, QUE ERA QUEM CUIDAVA DOS NEGÓCIOS, OLHAVA DO BALCÃO DA VENDA ESSES RETIRANTES SILENCIOSOS E JURAVA QUE UM DIA IA VENDER TUDO: ATÉ OS ALQUEIRES DE TERRA, ONDE SÓ EXISTIA PEDRA; E / QUE IA JUNTAR A MUDANÇA E OS FILHOS E SEGUIR PELA ESTRADA / COM ELES ATÉ UM LUGAR ONDE TIVESSE FUTURO.

#### PRIMEIRA VISÃO DE PEDRO (NARRADA)

PEDRO - Eu fazia fogos de artifício nas festas da cidade. O nome da cidade era Ventania e era numas montanhas de Minas, numas montanhas de pedras brancas. Só tinha / pedras. Eu fazia castelos, rãda de fogo, foguetes. Eles me chamavam de Pedro Fogueteiro. Eu demorava um dia, de casa até Ventania. Eu ia a pé carregando meus castelos. Um dia, quando o sol ainda estava para nascer, no fim da madrugada, e que eu estava subindo a primeira montanha, - o nome da montanha era Penteadão -, então eu ouvi um coro cantando. Era um coro e era um som que eu nunca tinha ouvido em toda a minha vida um outro parecido. Que eu não sabia se... se eram eles que tinham chegado, os estrangeiros... era um som de metal. Um coro de metal. Sem ritmo. Como se fosse uma máquina invisível. Então eu olhei de lado, na estrada, e eu vi uma plantação de arroz, de um amarelo esverdeado, um brilho de ouro, e parece que os estrangeiros cantavam lá dentro, escondidos. Foi aí que eu vi uma mulher, uma índia, com a cara pintada de ouro, um vestido de cetim roxo, e ela estava com ramos de arroz no braço. Então eu vi que a música nascia dela. Em coro. Como se tivesse um instrumento. E ela cantou até o sol nascer. Quando o sol nasceu ficou tudo em silêncio e ela foi-se embora.



QUINCAS, O FILHO MAIS VELHO, TINHA SE CASADO COM A PRIMA NEUZINHHA, DESCENDENTE DE CIGANOS, E OS DOIS JÁ TINHAM IDO EMBORA DE MINAS PARA A CIDADE; ENTÃO ADÉLIA VENDEU TUDO PRO PRIMEIRO COMPRADOR QUE APARECEU, ESCREVEU UMA CARTA PARA QUINCAS E A JARDINEIRA LEVOU A CARTA. DAVA AUTORIZAÇÃO PARA ALUGAR UMA CASA NA CIDADE, QUE ELES ESTAVAM INDO DE MUDANÇA.

#### A MUDANÇA

(ADÉLIA ESTÁ DE CAMISOLA PARA DORMIR. UMA CAMISOLA DE CEMTIM. PEDRO TOCA A FLAUTA)

ADÉLIA - Amanhã o caminhão vem e carrega a mudança.

PEDRO - Vocês vão, eu fico.

ADÉLIA - Fica onde? Não tem mais um palmo de terra, homem. (SILENCIO). Chegou a hora de ir embora. Nós botamos cinco filhos no mundo e agora tem que sair futuro para eles.

PEDRO - Eu estou quase... estou chegando... Já escuto as notas dentro de minha cabeça...

ADÉLIA - Você já está ficando é lélé da cuca, isso sim! E você vai levar os meninos, e até eu, se eu não tomar / cuidado, até eu acabo ficando maluca com essa tua mania de música.

PEDRO - Se eu sair daqui eu perco minhas notas...

ADÉLIA - A gente não come notas, Pedro!

PEDRO - Então faz assim: vocês vão na frente, depois eu vou. Os meninos precisam de aprender, eu não.

ADÉLIA - Não vamos para aprender. Vamos para viver.

PEDRO - Viver para mim é aqui.

ADÉLIA - Estou cansada de ser realista sozinha! Se você não vai, então ninguém vai! Você vai ficar tocando essas músicas que só existem dentro da tua cabeça e nós vamos ficar te ouvindo, nós todos até todo mundo virar pedra! Pode começar a tocar. (SILENCIO). Cadê música, anda, cadê? Toca. (Pausa). Minas morreu. Acabou. Nem mar não tinha. Não é que estamos vivos!





- PEDRO - E nós vamos fazer o que fora daqui?
- ADÉLIA - Viver como gente vive.
- PEDRO - Quer dizer que acabou mesmo? (PAUSA). Quer dizer que Minas acabou? (PAUSA) Quer dizer que amanhã a gente vai-se embora e nunca mais volta?
- ADÉLIA - Não temos mais nem um palmo de terra. O que tem é a estrada.
- PEDRO - E a minha clave? Eu não vou terminar a minha clave? Como é que eu posso sair daqui sem concluir a minha clave? / (PAUSA).
- ADÉLIA - Minas morreu. Acabou. Tem os cinco. Tem a estrada. O que tem é a estrada.

(PEDRO PERDE A MEMÓRIA)

- INDIA - Prá que teu ouvido não escute. Teu olho não veja. Tua / boca não fale. Teu nariz não cheire. Tua mão não apalpe, mais, Minas vai virar lenda. E não vai ter nem dor... Nem lembrança mais... Até que apague esse tempo. E um novo tempo venha.

(ELE SOPRA OS ÓCULOS, AS PARTITURAS, DEPOIS A CLARINETA E NÃO HÁ NENHUM SOM, MAS POEIRA. DA POEIRA A VOZ DE ISABEL CANTANDO "VIAJANTE VIAJANTE")

O NOME DA CIDADE ERA FRONTEIRA E FICAVA ENTRE MINAS E O LADO DE FORA. TINHA UMA IGREJA COM PÁROCO. TINHA UMA PRAÇA COM JARDIM. TINHA UM CINEMA ONDE PASSAVA FILME DA METRO, COM CARTAZ NA PORTA. E TINHA UM RIO.

O IMPERADOR AZTECA

IZABEL - (CANTANDO)

Viajante, viajante  
Donde é que você vem?  
Viajante, viajante  
Aonde é que você vai?  
Viajante viajante



Leva eu prá viajar"

(ISABEL PINTA OS LÁBIOS COM AMORA E VALENTE PENTEIA OS CABELOS DE LA)

VALENTE - Tem um rio que entra dentro da cidade e os meninos tomam banho lá. Teve até um menino que passou dentro duma canoa e me convidou para encontrar com ele de noite atrás da Igreja.

ISABEL - Mas é pecado, fique sabendo.

VALENTE - Pecado mortal ou venial?

ISABEL - Pecado mortal a gente vai direto pro inferno... Sem passar pelo purgatório.

VALENTE - Bobagem. Invenção. Não acredito numa vírgula.

ISABEL - Então sorte a tua...

VALENTE - É sorte a minha... (ELA SE LEVANTA) E tem gente pobre, que nem parece gente... Jogam cocô dentro do rio, depois vão lá e tomam banho e lavam a roupa lá.

ISABEL - Vou sair, vou na praça, vou arranjar um namorado, me casar e fim.

VALENTE - Você me acha caipira?

ISABEL - Eu sou caipira e não ligo a mínima.

VALENTE - Eu detesto gente caipira. Cipirismo é uma coisa que eu detesto.

ISABEL - O que é que você pensa que nós somos? Nós somos índios. Quem nasceu no meio de pedra e mato é índio. É isso que nós somos, índios.

VALENTE - Mas eu era um Imperador Azteca.

ROSÁRIO

ROSÁRIO - Sabe o que eu gostava de Minas, papai? De ir na procissão de "Corpus Christi". Lembra da procissão de "Corpus Christi"? Que as pessoas colocavam toalha do lado de fora da janela, enfeitavam a rua com folhas, e a gente ia andando em cima das folhas... Era folas ou era flor, papai?

PEDRO - Folha.

ROSÁRIO - Mas tinha flor também, não tinha?





PEDRO - Tinha.

(LONGO SILENCIO ENTRE OS DOIS. ELE SOLFEJA UMA MÚSICA NA CLARINETA)

ROSÁRIO - A mamãe foi na Igreja falar com o padre. Prô senhor tocar na banda e fazer foguete aqui também.

PEDRO - Busca um copo d'água prá mim, busca.

(ROSÁRIOSAI, APALPANDO AS COISAS. ELE CONTINUA TOCANDO A CLARINETA. DEPOIS SE LEVANTA, ENCENA-SE COMO MAESTRO DE BANDA DE INTERIOR / DIRIGINDO UMA MARCHA, A MÚSICA QUE ISABEL CANTA. ROSÁRIO VOLTA COM O COPO D'ÁGUA)

ROSÁRIO - Papai, mamãe me mandou tomar conta do oratório, onde é que eu guardo?

PEDRO - Eu também não sei.

ROSÁRIO - A vela tá acesa, papai?

PEDRO - Apegada.

ROSÁRIO - Mamãe disse que tinha que ficar acesa.

PEDRO - Então acende. (ENQUANTO ROSÁRIOACENDE A VELA DO ORATÓRIO). Sabe que eu esqueci completamente a minha clave? Eu já tinha achado até o nome. Ia se chamar "A Clave / de cinco notas". Também não fazia sentido. Mas tinha / um momento que era claro. Eu relacionava com vocês cinco depois relacionava com os cinco sentidos, depois eu contava o número de letras de Minas, e dava cinco. Depois não fazia sentido de novo. Daí também eu me perguntei prá que, prá que? Prá que? Bobagem. Ou não? Mas não era nem para mostrar. No fundo não eramem prá mostrar. Ou era? Então prá que? Ainda bem que eu esqueci. Esqueci / completamente. É como se as notas tivessem pousado aqui, as cinco, na clarineta, e de repente...sss...tivessem voado...

DAVI VAI PARA O SEMINÁRIO

(A FAMÍLIA ESTÁ REUNIDA)

ADÉLIA - A banda já tem maestro. Mas você pode tocar como músico. É no "Método Gianini" mesmo.

- PEDRO - E quando começa?
- ADÉLIA - Quando você quiser.
- PEDRO - E toca toda semana?
- ADÉLIA - Aos domingos, na praça, nas festas, procissão, essas coisas.
- PEDRO - Então eu tenho que trocar a palheta da clarinete, porque a que eu tinha trincou.
- ADÉLIA - Só que não pagam nada.
- PEDRO - Então como é que faz?
- ADÉLIA - Fogos eles pagam.
- PEDRO - Então eu faço fogos.
- ADÉLIA - E tem os ensaios.
- PEDRO - E ensaia quantas vezes por semana?
- ADÉLIA - Também não perguntei tudo. Tem que falar com seu Guilherme, que cuida disso.
- ADÉLIA - O Davi vai para o Seminário.
- ISABEL - O Davi vai pro seminário!
- NEUZINHA - Mas vai como?
- ADÉLIA - Uma zeladora arrumou para eu ir através da "Ordem das vocações sacerdotais". Eles dão enxoval, pagam os estudos, dão até batina. Contanto que o menino dedique a vida a Deus.
- PEDRO - Então quem decide não é nem você nem a "Ordem das Vocações". Quem decide é ele.
- ISABEL - É preciso ter vocação, mãe.
- ADÉLIA - Isso ele descobre depois.
- ISABEL - A senhora ficou louca, mãe?
- ADÉLIA - Lá ele estuda, aprende. E se não tem vocação sai preparado.
- ISABEL - Coitado, mãe... ele não quer ir... (ELES OLHAM PARA DAVI)
- ADÉLIA - Mas você não disse lá na sacristia que tinha vocação, Davi? Então porque que disse?
- DAVI - Mas lá na igreja eu queria...
- ADÉLIA - E lá na igreja queria e aqui agora não quer mais?
- DAVI - Lá na igreja era por causa do incenso, dos paramentos, do altar de mármore... Por causa do coro cantando, por causa do turíbulo. Lá na igreja eu queria. Depois, na rua, eu já não queria. Depois eu queria de novo. Por-



que eu pensei: se eu for ser padre não posso me casar. E se eu não me casar eu não posso ter filhos.

QUINCAS - Padre não casa, ô porra! **COM CORTES** Se é padre é padre!

DAVI - Então como é que eu faço?

NEUZINHA - Esse menino também não sabe o que quer.

ADÉLIA - Então faça-me o favor de não dizer prá ninguém lá no seminário, está entendendo? Faça-me o favor de não dizer prá ninguém lá que você tem vocação e ao mesmo tempo quer ter filhos, porque eles não estão preparados prá entender esse tipo de raciocínio!

NEUZINHA

(NEUZINHA RETIRA UM VESTIDO DE CIGANA DAS COISAS PERDIDAS ENTRE A MUDANÇA E SE VESTE COM ELE. QUINCAS JOGA CARTAS.)

NEUZINHA - Eu fazia o papel duma cigana.

QUINCAS - Vai contar essa estória prá outro, irmãzinha!

NEUZINHA - Você não acredita? Eu fazia o papel duma cigana. E eu entrei tanto dentro do personagem que o sangue mudou. Adquiri alma de cigana. Por isso eu não sei ficar parada muito tempo no mesmo lugar. Me dá aflição.

QUINCAS - Calma, irmãzinha, calma...

NEUZINHA - Ficar nessa calma também não dá. Já tive uma idéia prá colocar todo mundo. Eu sei de um bar numa rua asfaltada, perto de um posto de gasolina Shell. É um sonho.

QUINCAS - E daí?

NEUZINHA - E daí que a gente junta todo o dinheiro que deu da venda das terras e compra o boteco.

QUINCAS - E o boteco está a venda?

NEUZINHA - Vai-se lá e faz-se a oferta, **ô porra!** **COM CORTES**

QUINCAS - Calma, irmãzinha... Senta aqui no meu colo, senta. (ELA SENTA:SE NO COLO DELE) Então você virou cigana irmã?



NEUZINHA - O mundo tem cinco continentes... Cinco! E eu não vou morrer sem ter conhecido os cinco... (ELE FICA EM SILÊNCIO) Não pensa muito em dinheiro, irmão.

QUINCAS - Eu não estou pensando em dinheiro.

NEUZINHA - Eu sei quando você está pensando em dinheiro.

QUINCAS - Olha que não sabe!

NEUZINHA - Olha que eu sei...

QUINCAS - Olha que não sabe...

NEUZINHA - Olha que eu sei...

QUINCAS - Não sabe...

NEUZINHA - Sei (ELE EMPURRA-A FORA DO colo.) COLO.)

QUINCAS - Eu não estou pensando em dinheiro. (ELA OLHA PRÁ ELE, FEMININA.)

NEUZINHA - Podes crer. Tá no sangue, irmão.

QUINCAS - Cigana... É cadê as tatuagens?

NEUZINHA - E desde quando cigana tem tatuagem?

QUINCAS - Grande, irmã! Um boteco! Gênio!

NEUZINHA - O que não pode é ficar. Ficar é apodrecer. Ficou, apodrecceu.

ISABEL E VALENTE

( ADÉLIA ENTRA COM DUAS CESTAS)

ADÉLIA - A partir de amanhã eu não quero ninguém parado. O Pedro vai fazer foguete de dia e ensaiar na banda de noite. Davi vai para o seminário estudar, Rosário vai rezar dobrado, eu vou fazer pé de moleque e vocês vão vender na rua.

ISABEL - Pé de moleque, mãe?

ADÉLIA - Pé de moleque sim, menina! E tira esse batom horrível da boca que você não tem idade prá usar batom!

ISABEL - Mas não é batom, mãe, é amora. A senhora não está vendo que é amora?

VALENTE - Para mim é a morte!

ADÉLIA - A morte ou não amanhã eu quero os dois no batente. Se eu deixar por conta de vocês todo mundo morre de fome. (ELA SAI).

VALENTE - O Davi vai pro seminário amanhã e eu vou daqui a um mês.



- ISABEL - Se você for pro seminário ser padre eu vou pro convento ser "fleira".
- VALENTE - Não é "fleira" que se diz, é "freira". Freira!
- ISABEL - Se eu me suicidar você suicida comigo?
- VALENTE - Nesse minuto. No rio (ELA SE LEVANTA).
- ISABEL - No rio onde jogam cocô?
- VALENTE + Assim morro na merda já duma vez...
- ISABEL - Também não exagera!
- VALENTE - Nunca ninguém no mundo vai acreditar que eu tenho vocação!
- ISABEL - Claro que você não tem vocação! Lógico!
- VALENTE - Lógico porque? E eu não posso ter vocação? Você sabe o que significa ter vocação? Pois escuta:/ ter vocação, sua idiota, não depende de você! Você é chamado. Você que é chamado. E você pode ser até um demônio, que você é chamado, não depende! "Veni, sequere me". Foi o que Jesus Cristo disse. Eu li num librinho em Latim, na igreja, domingo. (PAUSA). Quer que eu leia tua mão? (PEGA NA MÃO DE ISABEL) Tem muita linha.
- ISABEL - Me diz só uma coisa: quantos anos que eu vou viver?
- VALENTE - Dez mil anos luz.
- ISABEL - Dez mil anos luz?
- VALENTE - Agora o lado sentimental.
- ISABEL - Diz.
- VALENTE - Você vai casar!
- ISABEL - Com quem? Diz com quem?
- VALENTE - Claro que não diz com quem! Só diz que você vai/se casar.
- ISABEL - E vou ter filhos?
- VALENTE - Não sei ler mão (SOLTA A MÃO DE ISABEL)
- ISABEL - Se você não sabe ler prá que se mete?
- VALENTE - Lê a minha.
- ISABEL - Eu não sei. Eu não entendo nada disso.
- VALENTE - Você não tem imaginação? Inventa.
- ISABEL - (OLHANDO AS MÃOS DELE) Você tem as mãos finas... Você tem as mãos de um imperador Azteca!
- VALENTE - Quem dera! Tudo que eu queria na vida. Ter nascido um Inca.



- ISABEL - Mas não era Azteca?
- VALENTE - Inca.
- ISABEL - Como você joga alto!
- VALENTE - Eu só joga alto. ( DEITA NO COLO DELA) Ah! Isabel!
- ISABEL - Conforma comigo...
- VALENTE - Vamos fugir...
- ISABEL - Fugir pra onde menino?
- VALENTE - Tem milhares de cidades... Ilhas... Depois tem povos e cada povo fala uma língua diferente... Depois tem cinco continentes... Depois tem mares... Depois tem milhões de países... Depois tem milhares de estrelas, planetas... Depois tem...
- ISABEL - Para! Você me enlouquece!
- VALENTE - Eu não me conforme!
- ISABEL - Não tem nada demais vender pé-de-moleque na rua!/  
Não tem nada demais.
- VALENTE - Para um imperador tem!
- ISABEL - Imperador...

(A ÍNDIA APARECE PARA ELES, CANTANDO UMA MÚSICA ENIGMÁTICA).

- ÍNDIA - Eu conheço vocês de Minas...
- ISABEL - Quem é ela?
- ÍNDIA - Eu quero falar com sua mãe. (ISABEL VAI CHAMAR ADÉLIA).
- ÍNDIA - (PARA VALENTE) Como é o seu nome?
- VALENTE - Valente. Esse colar é Azteca?
- ÍNDIA - Inca. (ELA TIRA O COLAR E COLOCA EM VALENTE. DEPOIS COME ARROZ QUE ADÉLIA LHE DÁ. COME EM SILENCIO, COM A MÃO.) São cinco?
- ADÉLIA - São cinco.
- ÍNDIA - Coloca cinco passarinhos dentro numa gaiola, fecha e me traz. Eu quero ver o vôo deles.
- ADÉLIA - O vôo?
- ÍNDIA - O vôo...



CARTA DE DAVI

(DAVI ESCREVE UMA CARTA DO CONVENTO E QUINCAS LÊ A CARTA PARA A FAMÍLIA)

- QUINCAS - (LENDO) Minha batina é branca, de linho. Eu uso a batina para ir nas procissões, fora, e para ajudar a missa. Já sei falar latim: "Introibo / ad altare Dei, de Deum qui lactificat juventutem meam."
- ISABEL - Quer dizer que ele já é padre?
- ADÉLIA - Claro que não. Ele é seminarista.
- ISABEL - Mas já usa batina!
- ADÉLIA - Acaba de ler primeiro, depois conversa.
- QUINCAS - (CONTINUANDO) Para ser padre é preciso estudar 14 anos. Estuda 4 de ginásio, 3 de clássico, 3 de filosofia e 4 de teologia. Aos domingos eu saio para fazer apostolado. Eu vou com mais dois seminaristas, que são gêmeos, e cantamos a missa numa igreja dum bairro aqui perto. Depois que acaba a missa as crianças ficam e nós damos catecismo. Aí os dois gêmeos acabam de dar catecismo para um grupo de crianças e depois sai pra brincar de pique na praça. Enquanto eles ficam correndo e gritando, eu ensino sobre História pro meu grupo. História das invasões, lendas, os olhos das crianças brilham com lendas. Eu conto, por exemplo, sobre a Esfinge. Que a Esfinge ficava no meio da estrada e dizia pras pessoas: "Decifra-me ou devoro-te". Se não adivinhassem o enigma eram devorados. E o enigma era simples: qual o animal que tem quatro pernas de manhã, duas ao meio-dia e tres ao entardecer? As crianças vibram com a História!
- QUINCAS - Esse cara não dá padre...
- NEUZINHA - Mas é tão antigo ser padre! Sé na família de vocês que ainda tem isso...
- ISABEL - Antigo eu também acho. O Davi é lindo, vai virar padre? Eu implico.
- ROSÁRIO - Mas se ele tem vocação deixa, gente...



VALENTE - E como é que sabe que tem vocação?  
ISABEL - Prá ter vocação é preciso ser santo.  
QUINCAS - Não beta santo no meio.  
ISABEL - O Davi é santo.  
QUINCAS - Sante a gente guarda, com velinha acesa, flor e etcetera, mas deixa lá, guardado, sem ficar mos trando pra todo mundo.  
ISABEL - Não concordo. Eu acho que tem que mostrar sim.  
VALENTE - Eu sou santo.  
ISABEL - Nem tanto.  
VALENTE - E eu não posso ser santo? Porque eu não posso ser santo? Porque eu não posso ser santo?  
ISABEL - Se você for santo eu posso ir para o altar dirg ta.  
VALENTE - Um dia eu vou te mostrar que eu sou santo.  
ISABEL - Um dia eu também posso te mostrar.  
QUINCAS - Que santo, ser santo também não é assim, é por-  
rei  
VALENTE - E ser santo como é então?  
PEDRO - Acabou a carta? É só isso?  
QUINCAS - Ainda tem.  
PEDRO - Então continua.  
QUINCAS - (CONTINUANDO A CARTA) Eu não vou ser padre. Um dia eu saio. Tem um cheiro de incenso, com missas em latim, liturgia, e de tarde tem canto / gregoriano. Ensaio. Tem sol, tem esporte. Um dia no catecismo uma menina me perguntou: "Padre, se Deus é onipotente, então porque ela não vence a serpente?". Eu não entendo nada disso. Mas eu aprendo e ensino Satã nos livros de catecismo. Em latim e com canto orfeônico no fundo. PREGO Satã em officios religiosos, solene. E divulgo Satã entre as crianças pobres, desde sua origem como serpente até com a coroa sobre a cabeça de Jesus Cristo na cruz. E a minha adolescencia? A minha natureza é sacerdotal, mas a minha palavra não é mais. Tudo que eu quero é a minha adolescencia. Eu quero a minha adolescencia, mesmo sabendo que nem tudo que passa do lg

COM CORTES





do de fora desta batina branca, nem tudo é do, o que é contra a minha vontade e minha natureza. Minhas mãos são litúrgicas, meus braços são / litúrgicos e até minha cabeça é litúrgica. Mas meu coração não consegue deixar de ser humano.

#### O BOTEQUIM

(PEDRO LAVA OS PÉS NUMA BACIA. ADÉLIA, VESTIDA COM CAMISOLA DE CETIM, COMO NA CENA DA MUDANÇA)

- ADÉLIA - Não é tão botequim assim. Tem mesa pra sentar, tem um rádio pra escutar música, tem sorveteria e tem um balcão todo de mármore. E é uma rua asfaltada. E tem casa pra morar, junto.
- PEDRO - Entã o vai custar muito caro.
- ADÉLIA - As terras. (LONGO SILENCIO)
- PEDRO - Eu cheguei no fim da viagem. Fiquei velho.
- ADÉLIA - Que chegou no fim da viagem o quê, homem! Você é muito desanimado.
- PEDRO - Eu cheguei no fim da viagem. Eu sei.
- ADÉLIA - Eu vou cuidar do bar, eu. Os meninos ajudam, depois da escola. Eu sei lidar com freguês. Você continua na banda, agora que já compram "Fogos Caramuru".
- PEDRO - "Fogos Caramuru" (LONGO SILENCIO). Lembra que meu irmão falava que ia inventar o "Moto Contínuo"? O "Moto Contínuo" era a máquina, que não precisava de impulso... Ele foi morar sozinho numa casa que ele mesmo construiu no meio do sertão e passou a vida procurando a fórmula do "Moto Contínuo".
- ADÉLIA - Até que ficou louco. Tua família é uma família de gente biruta.
- PEDRO - Os meninos estão dormindo?
- ADÉLIA - Estão.
- PEDRO - Eles estão estudando?
- ADÉLIA - Estão.
- PEDRO - O Valente?
- ADÉLIA - O Valente e o Isabel estão no ginásio.
- PEDRO - O Quincas?



ADÉLIA - O Quincas acha que é perda de tempo estudar. Não/ quer morar nesta cidade, diz que tem que ir pro/ centro, pra capital, cidade é lá. A mulher dele é que fica botando essas idéias na cabeça. É uma com sangue de cigana, quer conhecer tudo, não mede nada o que faz.

PEDRO - Quer dizer que ficamos?

ADÉLIA - E você tava pensando em voltar? Voltar pra onde? Não tem mais nada atrás. Minas morreu. Virou lenda. Nós é que estamos vivos.

#### A DESISTENCIA

(PEDRO TOCA NA CLARINETA. DEPOIS ELE FECHA AS PARTITURAS, GUARDA, FOLHEIA O "MÉTODO GIANIRI" E GUARDA. DEPOIS DÁ A CLARINETA A ROSÁRIO).

PEDRO - Guarda em algum lugar.

ROSÁRIO- Não vai tocar mais? (SILENCIO) Então vai ficar aqui. Dentro do oratório. O dia que o senhor resolver, me pede. (ROSÁRIO GUARDA A CLARINETA).

#### AS GAIVOTAS

PEDRO - Daí veio uma gaivota, lembra? Era uma gaivota verde e rosa, nunca me esqueço. Verde e rosa, o céu é azul em cima, a água de prata, brilhando, eu e você dentro da canoa, você vestida de noiva, segurando um feixe de margaridas do campo. Aí a gaivota verde e rosa sumiu e daí você disse: vem vindo mais... Aí eu olhei e vi uma, duas, três, quatro, cinco. Elas vinham voando no mesmo ritmo, acompanhando nossa canoa. Então você me disse: elas são douradas, coíha. Eu prestei atenção e vi que elas eram douradas. Tãam ouro puro, voando, no mesmo ritmo, acompanhando nossas cabeças. Tinha uma rocha parada no meio da água e detrás da rocha vinha um coro indígena.





( A GAIOLA COM OS CINCO PÁSSAROS, O ORATÓRIO, VELAS ACESAS, UM COPO D'ÁGUA, A INDIA E ADÉLIA)

- INDIA - Em Minas eu vi teus pássaros. Eles saíram do sertão prá estrada e eu vim seguindo atrás de mudança. (ELA PEGA O COPO E COLOCA-O RITUALISTICAMENTE NO CHÃO) Tem alguma coisa que eu possa te ensinar a respeito de tuas crias?
- ADÉLIA - Vê o futuro deles.
- INDIA - Quem nasceu pra voar, voe no rumo do céu. Quem nasceu pra cantar, cante. (ELA OLHA DENTRO DO COPO). Teus pássaros viajam voando no espaço estreito da América, contra sertões, procurando ar, côr, luz, flor, pão. Teus pássaros viajam ao redor da máquina, contra a máquina, antes da máquina e depois. Vê se consegue ver o lha dentro da água. (ADÉLIA OLHA DENTRO DO COPO). Tem um rio, a canoa que vai, e eles voando. E tem a máquina. Você consegue ver a máquina. Você consegue ver a máquina? Ela tem a cor e o som do sangue.
- ADÉLIA - EU SÓ VEJO A MINHA FIGURA. TEM UM VERDE atrás da figura. Só isso.
- INDIA - Eles vão embora.
- ADÉLIA - Pra capital. Eles vão embora pra capital.
- INDIA - Na estrada da capital tem um príncipe de cor da serpente e na mão direita ele segura um ruinat e na mão esquerda ele segura um cálice. A cidade brilha como o metal e acena com luzes, espelhos e cimento. Ela tem o cheiro da máquina e é a máquina por dentro e por fora, com garras e dentes.
- ADÉLIA - Eles voam na direção da cidade?
- INDIA - Dentro da cidade a memória vai ser retirada e no rosto de cada imagem só vai ficar o esquecimento. (ELA DESAPARECE, ENQUANTO ADÉLIA CONTINUA OLHANDO DENTRO DO COPO). Tem algum pedido seu que eu posso atender?

ADÉLIA - (OLHANDO DENTRO DO COPO E FALANDO PARA OS PÁSSAROS NA GAIOLA). Era sertão. Era outra coisa. Outra vida. Tinha inocência. Inocência tinha. Não tinha malícia. Medo tinha. Não tinha ninguém perto. Com quem conversar. Era tudo longe. Não tinha luz elétrica. De noite era luz de lamparina. Usava querosene. Água tinha que buscar longe, na bica. / Prá eles fazerem a primeira comunhão nem sapato tinha. Foram descalços do sertão até Ventania. Espaço tinha. Tinha grama, tinha campo, mato, fruta, gabi roba, amora, tinha flor, leite, mel. Mas não sabiam nem assinar o nome. Eu peguei na mão de um por um/ e eles escreveram o a-e-i-o-u. O alfabeto e o nome. Não tinha informação. Não tinha médico, não tinha dentista, não tinha hospital. Era triste. Pra viver era triste. Era bonito. Ouvindo falar assim é bonito. Mas não tinha o mínimo humano. Tinha que ir embora.

(A INDIA VOLTA, VESTIDA COM A COR DA SERPENTE, UM PUNHAL NA MÃO DIREITA E UM CÁLICE NA MÃO ESQUERDA).

INDIA - Atrás do vôo não ficou nem sinal. Na frente do vôo tem o céu, astros, signos, sol.

(ELA RETIRA UM PASSARINHO DE DENTRO DA GAIOLA E COLOCA-O NA BORDA DO CÁLICE O PUNHAL NO PESCOÇO).

INDIA - Não me pergunta com palavra o que eu não sei responder com palavra.

ADÉLIA - Qual a minha parte neste sacrifício?

INDIA - O sangue já foi derramado por todos e o teu em cinco partes.

ADÉLIA - No preço de cada um eu contei um reino, de Minas pela estrada. E o reino começava aqui neste mundo. Eu joguei Minas fora. Do coração e da boca. Um céu aberto em cima das asas, em cima de nossas cabeças, com as estrelas de Deus brilhando. Eu também escutava esta Beleza com todos os olhos abertos. Mas/ eu tinha que segurar o reino na mão, feito de ter-





ra. Essa foi a única escola que eu aprendi e que ensinava. A Fé começava com a terra debaixo do pé, com a terra segurada na mão, tinha que começar pela terra.

(A INDIA GUARDA O PUNHAL, E SOLTA O PÁSSARO).

INDIA - Uma porta abre no céu. Sobem e descem os anjos. Em prata, ouro, asa. Quem vem pela porta é o viajante. Que esperou como lenda. E silêncio. Até que esta hora chegasse. Abra a mão, olho, olhos, diz "Vai", sem medo, desata, solta. Dos ossos, voz, grito. Do sertão seca e dor, do acumulado de tanta solidão desarma de toda arma. Um tempo novo vai começar. (CERIMONIA DO VÔO DOS PÁSSAROS).



S E G U N D A P A R T E

A CENA SUGERE, REVIVE, RECRIA, RECORDA, JOGA FORA 1956, ANO DA JUVENTUDE TRANSVIADA, INTERIOR, COM / LAMBRETTA, COCA-COLA, SONHOS IMPOSSÍVEIS, FUGAS / DE CASA, TARDES DESESPERADAS, JAMES DEAN, LITTLE RICHARD E ELVIS PRESLEY, CINZANO, JESUS CRISTO, / PARTIDAS, TRANSIÇÃO, AVENTURA.

A FAMILIA POSSUI UM BOTEQUIM, NUMA RUA ASFALTADA, PERTO DE UM POSTO DE GASOLINA SHELL.

(A VOZ DE LITTLE RICHARDS ABRE O SEGUNDO MOVIMENTO COM "LUCILLE". VALENTE FAZ TRANÇAS NO CABELO DE ISABEL. ELA FAZ AS UNHAS COM ESMALTE. ROSÁRIO ESTÁ DO OUTRO LADO DO BALCÃO. O ORATÓRIO ESTÁ JUNTO COM AS GARRAFAS NA PRATELEIRA. ISABEL E VALENTE ESTÃO SENTADOS NUMA DAS MESAS DO BOTEQUIM. SEU GUILHERME DORME NUMA DAS MESAS. E DEPOIS QUE TERMINA A MÚSICA, VINDA DE UM RÁDIO VELHO:)

ISABEL - Elvis em segundo, Little Richard em primeiro eu acho uma injustiça. (VALENTE CANTA "BYE BYE LOVE"). Vou escrever uma carta para o Jair de Taumaturgo/ protestando.

VALENTE - Acho isso tudo pobre.

ISABEL - Porque você tem mania de rei, de imperador, de / príncipe (ISABEL RETIRA UMA FOTOGRAFIA DE ELVIS DO SEIO). "Love me tender, love me sweet and never / let me go". Você pode pensar o que quiser, o Elvis é que é o Rei.

VALENTE - Então me diz, em inglês, os nomes dos filmes que o Elvis fez.

ISABEL - E eu sei?

VALENTE - Pois eu sei.



- ISABEL - Então diz você, ora...  
 (VALENTE CITA OS NOMES DOS FILMES DE ELVIS PRESLEY).
- ISABEL - O único nome de filme que eu sei em inglês é "Rebel Without Cause", com o James Dean e o Sal Mineo.
- VALENTE - Sabe que você não vai me ver nunca mais?
- ISABEL - Por que? Você vai morrer por acaso?
- VALENTE - Eu vou sumir. Vou encontrar um disco voador, vou entrar dentro dele e vou sumir.
- ISABEL - Então me leva junto que eu também quero sumir.
- VALENTE - Olha, teu cabelo tá sujo de caspa. Você não lavou com shampoo.
- ISABEL - Lavei com shampoo sim, idiota! Imagina se eu vou lavar o meu cabelo com esse sabonete todo cheio de ácidos, que matam a raiz!
- VALENTE - Você não lavou com shampoo porque eu usei o resto do shampoo que tinha num vidro amarelo e não vai me dizer que você comprou outro porque eu peguei a nota de mil que tinha na gaveta do bar, prá juntar pro cinema. (CANTA "BYE BYE LOVE").
- ISABEL - Você pensa que eu não te conheço?
- VALENTE - Então fala tudo que você sabe a meu respeito.
- ISABEL - (RETIRA COM GLAMOUR UM MAÇO DE CIGARROS LONGOS / DA PERNA). Tudo que eu queria na vida era casar com o Elvis Presley. Num sábado de tarde. Hoje. Agora. Ele saía de dentro do rádio, em carne e osso, e eu me casava com ele.
- VALENTE - Sabe com quem você parece? Você parece com a Natalie Wood. (ISABEL SUSPIRA. VALENTE CONTA OS PASSOS DO BOTEQUIM DE PONTA A PONTA). Já cansei de ver / escrito no espelho "Beba Coca-Cola". Vou pentear o meu cabelo na frente do espelho e tem que estar escrito lá "Beba Coca-Cola". Eu conheço milímetro por milímetro desse boteco, dia por dia da semana. De segunda a sábado. Eu já sei de tudo que vai acontecer. Sábado de tarde tem "Hoje e dia de Rock" pela Mairynk Veiga. Domingo tem missa e o bar fe-

cha e tem matinê. Segunda tem aula. Terça tem aula, eu acho igual. Segunda e terça prá mim é igual. Quarta tem o que? Igual também. Quinta tem mudança de programa no cinema e entra um filme novo. Quinta eu gosto. É o único dia que eu gosto. Sexta eu gosto por causa do sábado.

ISABEL - Prá você é assim. Prá você. Prá mim é tudo diferente. Prá mim qualquer hora pode acontecer uma coisa e mudar tudo. (VALENTE ABRE OS BRAÇOS EM FORMA DE CRUZ E DÁ UM GRANDE SUSPIRO). Sabe com quem você se parece? Você se parece com Sal Mineo.

VALENTE - Eu pareço com Jesus Cristo.

ISABEL - Com Jesus Cristo pareço eu.

VALENTE - Jesus Cristo não é mulher.

ISABEL - Nem homem (BAUSA).

VALENTE - Meu problema é muito mais sério do que você pensa.

ISABEL - Então conta para eu ver se é tão sério assim.

VALENTE - Meu problema é que não nasci um imperador Azteca. (ISABEL JOGA FUMAÇA NA CARA DELE). Pára de jogar fumaça na minha cara!

ISABEL - Você é esquisito (APONTA ROSÁRIO). Ela é esquisita. Aqui nesta casa todo o mundo é esquisito. Papai é esquisito, com essas músicas dele. Mamãe é esquisita, trabalhando, trabalhando, como se a gente fosse morrer de fome...

VALENTE - E a gente não pode morrer de fome.

ISABEL - Não. Nós somos uma família que veio de Marte! (VALENTE EMITE SONS ESPACIAIS E ENCENA COM O CORPO E OS BRAÇOS). Nesta casa só eu que sou normal. Porque eu tenho um namorado, o Teco, que é mecânico, lindo, e tem uma moto lindíssima. Porque eu gosto de fazer minhas u-lhas, gosto de arrumar meus cabelos, gosto de flertar na praça, quando dá... Eu sou moderna. Eu não quero nada impossível! Eu sou romântica. Eu adoro gente romântica. Homem prá mim tem que ser romântico, senão não é homem.

VALENTE - E o Elvis Presley? O Elvis Presley é possível? PAU





ISABEL - Você sempre acha um jeito! Você tem sempre que achar um jeito!

PRIMEIRA VERSÃO DA VOLTA DE DAVI DO SEMINÁRIO

(DAVI ESTÁ DE BATINA BRANCA. A FAMÍLIA ASSISTE+O. ESTÃO PRESENTES AS DUAS FIGURAS DO BOTEQUIM: SEU GUILHERME E DONA EFIGÊNIA).

NEUZINHA - Ficava bonito... Ficava muito bonito.

ISABEL - Você disse que ser padre é antigo.

NEUZINHA - Antigo é. Mas ficava bonito no Davi. Uma graça.

EFIGÊNIA - Mas padre usa batina branca?

ADÉLIA - Usa. Hoje em dia usa de todas as cores.

PEDRO - Bispo usa até vermelha, não usa?

ADÉLIA - Vermelha eu nunca vi. Já vi roxa.

PEDRO - Eu já vi bispo de vermelha.

EFIGÊNIA - Eu nunca vi, seu Pedro. Nem branca. Essa é a primeira vez.

ROSÁRIO - (APALPA A BATINA). É de linho.

DAVI - De linho. (ROSÁRIO CONTINUA APALPANDO).

S. GUILHERME - Mas não é prático, é prático?

QUINCAS - Além de não ser prático, chama a maior atenção na rua.

EFIGÊNIA - Mas é bonito. Branca assim eu acho muito bonito.

QUINCAS - Bonito assim para por e tirar dentro de casa. Prá ficar usando não dá.

ISABEL - Eu por exemplo, não saía com o Davi na rua assim de batina.

NEUZINHA - Eu saía. Não vejo nada demais. Nesse ponto não.

EFIGÊNIA - Eu também saía.

ADÉLIA - Eu saía.

ROSÁRIO - Eu também saía.

ISABEL - Eu não saía.

VALENTE - Eu saía.

ISABEL - Mas você é um caso a parte.



VALENTE - Estou dizendo que eu saía com a batina. Vestido com a batina.

ISABEL - Então sai. Quero ver.

VALENTE - Você empresta, Davi?

ISABEL - empresta, Davi. empresta. Hoje tem procissão de "Corpus Christi". Eu quero ver você na procissão vestido assim. Quero ver. Vai.

(DAVI TIRA A BATINA E VALENTE VESTE).

NEUZINHA - (OLHANDO DAVI SEM BATINA) Mas ele fica outra coisa sem batina! Outra coisa!

EFIGÊNIA - Eu prefiro de batina...

ADÉLIA - Eu também prefiro.

ISABEL - Imagina. Eu acho muito mais preferível sem batina.

VALENTE - Não se diz "mais preferível". Preferível já significa que é mais.

(ELES OLHAM PARA VALENTE QUE DESFILA COM A BATINA).

ISABEL - Que horror! Acho que fica um horror em você.

NEUZINHA - No outro eu acho melhor.

EFIGÊNIA - Nos dois fica bonito.

VALENTE - (PARA ADÉLIA) Em quem a senhora prefere, mãe?(PAUSA) Nele ou em mim?

QUINCAS - Nos dois fica muito ruim.

ADÉLIA - Eu acho bonito tanto num como noutro.

ISABEL - Então sai. Quero ver.

VALENTE - Então ciao.

(SAI. OS SINOS COMEÇAM A BATER, TODOS CORREM À PORTA E FICAM OLHANDO, MENOS PEDRO E DAVI).

PEDRO - Então veio embora?

DAVI - Vim embora.

PEDRO - Você tá na sua casa. É tudo teu. Não fica preocupado. Você tá na sua casa.

(OS SINOS CONTINUAM BATENDO).





ELVIS PRESLEY

(ADÉLIA ESTÁ VESTIDA PARA IR À IGREJA E SAI COM ROSÁRIO. ISABEL ESTÁ TODA ARRUMADA PRA SAIR TAMBÉM).

- ADÉLIA - Isabel, vê se cuida direito do bar. Não deixa seu pai ficar bebendo e atende os fregueses direito. / Eu vou a missa vespertina com Rosário e volto logo.
- ISABEL - Vê se volta logo que eu vou ao cinema com o Téco.
- ADÉLIA - Você só fala neste mecânico dia e noite.
- ISABEL - Tem alguma coisa demais?
- ADÉLIA - Não deixa esse rádio tão alto que isso espanta a freguesia.
- ISABEL - Ai! Mãe, que mais? que mais? (ADÉLIA SAI COM ROSÁRIO. ISABEL CANTA UMA MÚSICA DA ÉPOCA, SUSPIRA E FICA OLHANDO-SE NA FRENTE DO ESPELHO). Impossível também não é, quem disse que é? Ele pode aparecer aí, sei lá, vindo dos Estados Unidos, afinal o Elvis é americano. (ELA ENCENA, ESPERANDO DO OUTRO/LADO DO BALCÃO) Daí, por milagre, ele apareceu e eu estou sozinha aqui no bar, claro, graças ao bom Deus que todo mundo saiu e o bar hoje ficou por / minha conta, e graças a Deus que não vai aparecer mais ninguém e, mesmo que aparecer eu digo que não tem mais nada, que já fechou e fim! (ELVIS PRESLEY ENTRA, SE POSSÍVEL MONTADO NUMA LAMBRETTA, E NO ESTILO BLUSÃO PRETO. SILENCIO, ELE SENTA-SE À MESA, MUITO SEGURO, E SEM DIZER NADA). Ele fala inglês? Ai! e agora, meu Deus? Ele fala português! As coisas principais qualquer um sabe falar em qualquer língua. (SILENCIO) Eu é que começo. Eu pergunto: que você bebe? Daí ele responde:
- ELVIS - Coca-Cola.
- ISABEL - Serve Pepsi?
- ELVIS - Coca.
- ISABEL - Pepsi! (LEVA UMA GARRAFA DE PEPSI ATÉ A MESA ONDE



ELE ESTÁ) E eu sento perto dele ou não? Eu sento na outra mesa, lógico. E fico. Assim. De livre e difícil ao mesmo tempo. Porque eu sou assim: livre e difícil. (ELE OPEREÇA CIGARROS AMERICANOS) Ai! Meu / Deus, eu aceito ou não? Claro que eu aceito, eu tenho que deixar bem claro que eu sou moderna. (ELA PEGA UM CIGARRO. ELES FUMAM EM SILENCIO).

ELVIS - Quantos anos você tem?

ISABEL - Adivinha.

ELVIS - Dezesseis.

ISABEL - Quase.

ELVIS - Não estou escutando, vem falar aqui perto de mim / que eu não escuto com esta distância...

ISABEL - Nojento! Mas imagina se eu também sou tão difícil assim! Eu vou e sento em cima da mesa, bem assim. (Senta-se em cima da mesa onde ele está com segurança).

ELVIS - Quer casar comigo?

ISABEL - Tira a mão de mim que minha mãe foi na igreja e / pode chegar a qualquer hora. E eu tenho três irmãs. Três. (ELE TIRA A MÃO. ELA, ARREPENDIDA:)/ Eu devia dizer que tenho três irmãos?

ELVIS - Se você casar comigo eu te ensino a falar inglesa.

ISABEL - Então fala para eu ver, fala.

ELVIS - Se você casar comigo.

ISABEL - Quando?

ELVIS - Agora.

ISABEL - Onde?

ELVIS - Aqui!

ISABEL - Aqui? (LONGA PAUSA) Mas você não me ama!

ELVIS - I love you!

ISABEL - (OLHA O ORATÓRIO, QUE ESTÁ NO BOTEQUIM, E SE DETÉM).

Se eu perder esta chance, nunca mais na vida.

ELVIS - Come on, gatinha, come on!

ISABEL - Então diz que você me ama.





- ELVIS - I love you
- ISABEL - Cínico!
- ELVIS - I love you... (ELES SE OLHAM) Mas se eu estou dizendo I love you!
- ISABEL - Então repete com toda convicção.
- ELVIS - Com toda convicção: I love you! (ELE PUXA-A PARA/FRENTE) Vem, medrosa, eu te amo... I love you... Você está linda hoje!
- ISABEL - Mas eu não tenho medo...
- ELVIS - Vem, menina, vem...  
(“O SOLE MIO”, DE ELVIS PRESLEY, ENTRE EM PLAY BACK, ENQUANTO A CENA SE DESENVOLVE).
- ISABEL - I love you... Nunca pensei, nunca esperai, nunca... que um dia, uma tarde de sábado... hoje... nunca pensei que podia sair, de dentro do meu rádio, pra dizer olhando pra mim: I love you... Você foi a primeira pessoa na vida que me disse I love you... (ELA RETIRA A TOALHA, QUE ESTÁ NO ORATÓRIO, E ENVOLVE-O NA TOALHA).
- ELVIS - Você tem um perfume de igreja, minha indiazinha...
- ISABEL - Teu olho tem estrelas e astros dentro!
- ELVIS - Que mais?
- ISABEL - Diz meu nome, diz.
- ELVIS - Isabel... (TIRA A CAMISA) Não foge de mim, criança... Vem...
- ISABEL - Minas...
- ELVIS - Quem é Minas?
- ISABEL - Ninguém...
- ELVIS - Me conta teu segredo... Qual é teu segredo?
- ISABEL - Minas. Adivinha.
- ELVIS - Não sei.
- ISABEL - Eu te amei tanto.
- ELVIS - Por que você diz "amei" ?
- ISABEL - Quando eu queria sair de Minas e não sabia como... Como se eu fosse uma estrela caindo do céu. longe longe... Então eu imaginava você vindo, como eu te imaginava...



ELVIS - Porque você diz "imaginava"?

ISABEL - E então você dizia I love you...

ELVIS - I love you...

ISABEL - E você diz I love you e eu dizia I love You e eu digo I love you I love you I love you! (ELE DESAPARECE DENTRO DA TOALHA ENQUANTO ELA PROCURA-O / COM AS MÃOS) I love you I love You I love you SE

POIS ELA SE LEVANTA COM A TOALHA MARCADA DE SAÍR

GUE) I love you I love you.

CORTES

QUINCAS E NEUZINHA VÃO-SE EMBORA

(NEUZINHA E QUINCAS ESTÃO EM UMA DAS MESAS DO BOQUIM. QUINCAS JOGA CARTAS EM CIMA DA MESA, NEUZINHA FUMA UM CIGARRO; DAVI JOGA COM QUINCAS. PEDRO BEBE COM SEU GUILERME, NO BALCÃO, ELE DUM LADO, SEU GUILHERME DO OUTRO. ADÉLIA CONVERSA COM / DONA EFIGÊNIA, QUE CARREGA UM PÃO DEBAIXO DO BRAÇO E UM LITRO DE LEITE. ROSÁRIO CONTENPLA UMA / CAIXA COLORIDA, ONDE ELA COLECIONA UM ANEL DE BRILHANTE E O CORDÃO QUE O VALENTE GANHOU EM MINAS. ISABEL E VALENTE SAÍRAM).

QUINCAS - Hoje eu estou com sorte. Quase canastra.

NEUZINHA- (OLHANDO O JOGO) De ou ro, olha só irmão!

QUINCAS - Só falta o coringa. O ás eu tenho na mão prá bater.

NEUZINHA- De coringa fica lindo, irmão...

QUINCAS - O trem sai que horas?

NEUZINHA- Às seis.

QUINCAS - Então já estamos marcando?

NEUZINHA- Tenta a real, tenta a real, antes.

(DAVI ESTÁ SÓ COM UMA CARTA NA MÃO. ELE COMPRA NO MONTE E SAI O CORINGA)

DAVI - O coringa!

NEUZINHA- Mas ele ainda não pegou o morto. Tem que pegar o morto antes.





DAVI - E eu não posso fazer nada... (ELE MOSTRA O JOGO)  
Aqui já tá sujo... Aqui também já tá sujo... Ou  
pode bater direto pra pegar o morto? Pode?

NEUZINHA - Quais as regras que vocês combinaram antes?

DAVI - Foi combinado alguma regra?

QUINCAS - Não foi combinado regra nenhuma.

NEUZINHA - Então como é que vai ficar? Temos marcando, /  
irmão, temos marcando! Tá em cima da hora! (SE U  
GUILHERME SE APROXIMA E INTERROMPE).

SEU GUILHERME - Eu, se eu tivesse a idade de vocês, se  
eu tivesse tempo ainda, se eu tivesse tido /  
chance... Também não tive chance!

NEUZINHA - E quem é que teve, seu Guilherme? Quem é que  
teve?

SEU GUILHERME - Aí é que está o xis do problema: quem é  
que teve?

NEUZINHA - O meu irmão tá tendo uma nesse minuto, como  
é que ficou resolvida a transa, irmão?

DAVI - Eu te dou o coringa de ouro.

QUINCAS - (SE LEVANTANDO) Real, irmão, Real. De ouro!

SEU GUILHERME - Prá onde vocês estão indo?

NEUZINHA - Prá onde, irmão?

QUINCAS - Onde tem mar. Vamos começar pelo mar.

NEUZINHA - E vamos como?

QUINCAS - Voando.

SEU GUILHERME

(SEU GUILHERME E SEU PEDRO, ADÉLIA E DONA  
EPICÊNIA, MAIS ROSÁRIO).

SEU GUILHERME - (PARA SEU PEDRO) Minha religião é o /  
Kardec. Desaconselha o álcool. Mas eu... O  
Sr. entende, Seu Pedro, eu não tenho nenhum  
filho pra criar, como o Sr.. Eu tenho a spo-  
sentadoria da Cia. Mogiana de Estradas de Fer



ro, que é uma miséria, mas prá mim dá. E eu vou fazer o que com esse dinheiro, se não bebo? Eu vou comprar roupa? Não, eu já passei essa fase... O Sr. ainda pensa em roupa, Seu Pedro?

PEDRO - Eu também já passei essa fase, Seu Guilherme.

SEU GUILHERME - Me diz uma coisa, Seu Pedro. O Sr. é católico, não é?

PEDRO - Sim.

SEU GUILHERME - E católico bebe?

PEDRO - Bebe.

SEU GUILHERME - Pois eu devia ter me batizado católico... Em compensação, católico não reencarna, reencarca?

PEDRO - Eu não entendo desses assuntos, Seu Guilherme.

SEU GUILHERME - Espírita reencarna! Mas eu sou viciado!

Já vou fazer setenta anos e desde os vinte, que todo o dia, todo santo dia, eu deixo de beber. Daí me dá vontade e eu penso: "se bebe morre, se não bebe morre", e eu bebo. Na próxima encarnação eu vou nascer bixo, disso eu tenho certeza. Nessa eu já perdi a chance. E então eu aproveito para fazer tudo de uma vez, tudole deixo a melhora prá próxima... Qual a sua opinião, Seu Pedro?

PEDRO - Eu não tenho opinião, Seu Guilherme.

SEU GUILHERME - Eu bebo... eu bebo porque eu até gosto de sentir o fígado pesando, vômitos de manhã, enjão na hora de escovar os dentes... Eu até gosto! Isso é o vício: É gostar do veneno. Porque eu eu gosto do veneno! Não sei. Nasci bêbado e vou morrer bêbado! Mesmo sabendo que vou voltar como bixo, como por exemplo, uma lagartixa, o Sr. conhece animal mais feio do que uma lagartixa, seu / Pedro? Eu não conheço. Ou como um viralata, que vive comendo lixo e levando porrada na rua, sem lugar prá dormir, prá ficar, prá comer, jogado / fora de vez. E que no fundo é manso. É manso ou





não é manso. Não pode ser manso. Como é que pode?  
(LONGA PAUSA) Me dá mais uma pinga, Seu Pedro.

ADÉLIA - (INTERFERINDO) Acabou, Seu Guilherme. Por hoje acabou!

SEU GUILHERME + Ora, Dona Adélia, eu não estou bêbado. Olha aí, eu consigo fazer um quatro. (ELE FAZ UM QUATRO COM AS PERNAS E QUASE CAI).

ADÉLIA - Eu disse que acabou, Seu Guilherme. Por hoje acabou!

SEU GUILHERME - Mas Dona Adélia...

ADÉLIA - Não insiste, Seu Guilherme. Eu disse que acabou!

SEU GUILHERME - Seu Pedro, me serve aí só mais uma... Só / mais umazinha...

PEDRO - Deixa prá amanhã, Seu Guilherme.

SEU GUILHERME - Ora, Seu Pedro, bobagem! Que amanhã! Amanhã a gente já pode estar noutra! Mais umazinha...

PEDRO - Mais umazinha! (OS DOIS BEBEM DEPRESSA E ESCONDIDO. PAUSA).

SEU GUILHERME - As vezes eu penso também que o Kardec, Seu Pedro... as vezes me passa também que se vive uma vez só e pronto.. Qual é a sua opinião, Seu Pedro?

PEDRO - Eu não tenho opinião, Seu Guilherme.

SEU GUILHERME - Eu vi coisa demais na minha vida, Seu Pedro! E foi embaralhando tudo... embaralhando tudo... e de vez em quando eu pergunto: Será que / isso tudo tem relação? Será que existe alguma ordem que liga isso tudo? Algum fio? Será? Existe / alguma relação, Seu Pedro?

PEDRO - É difícil, Seu Guilherme. Difícil.

SEU GUILHERME - Prá nós que somos músicos tem. Tem ou não tem, Seu Pedro?

PEDRO - Tem. Tem e não tem.

SEU GUILHERME - É Porque a gente toca no "Método Gianini", que tem a clave de sol e a clave de fá, se não / me engano. Mas quem foi esse "Gianini"? Um homem. Foi ou não foi, Seu Pedro? Foi homem! Não pode /



ter então, quinhentas mil outras maneiras de tocar a mesma música? Tem. Só não tem porque ninguém inventa outra. E porque já jogam o "Gianini" na cara da gente, desde que a gente começa a mexer com música, e daí a gente passa o resto da vida achando que falou "Gianini", tá falado, quando não tá falado! Tenho razão ou não tenho, Seu Pedro? Põe mais uma, Seu Pedro! A última!

PEDRO - A última! Se bebe morre, se não bebe, morre!  
(OS DOIS BEBEM RINDO).

EFIGÊNIA

(CENA MONTADA SOBRE A PARTIDA DE QUINCAS E NEUZINHA. EFIGÊNIA E DONA ADÉLIA. ADÉLIA SE VESTINDO PARA IR À MISSA COM ROSÁRIO).

EFIGÊNIA - O apelido dele era Black Dog. Ele não era mole não, Dona Adélia. Uma barra pesadíssima, a Sra. nem calcula.

ADÉLIA - Calculo.

EFIGÊNIA - Aí um dia ele me disse: "Vou-me embora. Pintou sujeira por cima de mim." Aí eu não pensei duas vezes e disse: "Eu vou junto". Ele disse: "Você espera." E sumiu. Eu fiquei esperando.

ADÉLIA - Então, um dia volta.

EFIGÊNIA - Nem notícia. Exalou, como um cheiro. (PAUSA) / uma noite eu disse: "Vou ver como ele está". Aí eu enchi um copo d'água e coloquei perto dos meus santos e acendi vela. Daí eu rezei minhas orações e olhei dentro do copo. Tinha primeiro uma estrada. Uma estrada que vai indo, / que vai indo, dentro duma tarde, com carneirinhos. Não tem carro, não tem barulho, não tem nada. Só os carneirinhos indo, pela estrada.





ADÉLIA - Então quer dizer que tá tudo às mil maravilhas.

EFIGÊNIA- Depois tinha um campo seco, do lado da estrada. Um campo seco, feio, faltava vida, como se fosse o inferno: Com o diabo, a Sra. me perdoa a palavra, mas existe, Dona Adélia, pelo menos eu acredito.

(ROSÁRIO FAZ O NOME DO PADRE).

ADÉLIA - Bate na boca criatura, bate na boca. Inferno se existe, é aqui mesmo.

EFIGÊNIA- Ele era moreno, magro, alto. De gêmeos. Parecia um príncipe. Não abria a boca prá nada. A única coisa que uma vez ele disse foi isso: "Se o mundo não é bom, faça o seu." E ele fazia o dele, sem incomodar ninguém.

ADÉLIA - Cada um é independente. Eu vejo os meus. As asas apumadas, a idéia acesa. Se eu pudesse eu parava o vôo, com um grito. Mas já não está mais em mim. Então eu digo: "Vai", de olho fechado. E quando eu abro o olho ainda não foram. Seja o que tem que ser. Não vou fazer drama, isso não. (ELA SE VOLTA PARA SEU GUILHERME) Acabou, Seu / Guilherme, por hoje acabou!

SEU GUILHERME - Mas eu não estou bêbado, Dona Adélia, olha aí, eu consigo até fazer um quatro.

ADÉLIA -- Eu disse que acabou, Seu Guilherme. Por hoje / acabou!

SEU GUILHERME - Mas Dona Adélia...

ADÉLIA - Não insiste, Seu Guilherme! Por hoje acabou!

SEU GUILHERME - Me crucifica, Dona Adélia, me crucifica!

Nasci para Cristo, pode me crucificar!



## QUINCAS E NEUZINHA VÃO-SE EMBORA, II

NEUZINHA - Tem que ir inteiro, meu irmão. Não tem que deixar nada atrás. O que ficou prá trás já era. E não tem lágrima.

QUINCAS - Mamãe.

NEUZINHA - Do lado de fora desta rua eu sou a tua mãe. Eu vou te dar cinco caras, uma em cada continente. (COLOCA UM BRINCO NA ORELHA DE QUINCAS).

QUINCAS - Papai.

NEUZINHA - Do lado de fora desta rua, você é meu pai. Do lado de fora desta rua você é um homem.

QUINCAS - Cigana.

NEUZINHA - Cigano. Vem.

QUINCAS - E vamos como?

NEUZINHA - Ora, vamos como! Em cima das pernas, mano! (SAEM).

## SEGUNDA VERSÃO DA VOLTA DE DAVI DO CONVENTO

(ISABEL DANÇA COM UMA SAIA DE LINHO BRANCA, FEITA DA BATINA DE DAVI. VALENTE LÊ UM LIVRO DEITADO NO CHÃO, ROSÁRIO VAGUEIA).

ISABEL - Você viu a saia que deu a batina do Davi!

VALENTE - Não sei o que ela veio fazer aqui.

ISABEL - Como se você soubesse.

VALENTE - Mas eu já me acostumei.

ISABEL - Coitado! Ele anda que anda, olhando... olhando... calado... Me dá aflição, mas eu vou dizer o que prá ele?

VALENTE - Não diz nada, então. Deixa ele. Quem sabe se ele ainda descobre alguma novidade nesta cidade. Porque eu já cogitei.

ISABEL - Vou te ser sincera: Eu acho o Davi mais bonito que você.





- VALENTE - Em compensação eu vou-me embora.
- ISABEL - Então vai. A porta está aberta, a rua está aberta. É só ir.
- VALENTE - Você está grávida? (ISABEL PARA DE DANÇAR).
- ISABEL - Imagine se vou estar grávida, menino!
- VALENTE - E não podia? (SILENCIO. VALENTE VOLTA A LER O LIVRO. FECHANDO O LIVRO.) Hoje eu estou sentindo / calor, falta de ar, mau humor, claustrofobia. Sabe o que quer dizer claustrofobia?
- ISABEL - Não sei, nem quero saber, tenho raiva de quem sabe.
- (SILENCIO. VALENTE SE LEVANTA E FICA OLHANDO PARA ROSÁRIO).
- ROSÁRIO - Que foi?
- VALENTE - (Passando a mão no rosto dela). Ri.
- ROSÁRIO - Mas eu não quero rir.
- VALENTE - Ri. Eu vou fazer uma gracinha e você vai rir. (ELE CANTA BYE, BYE LOVE PRA ELA ATÉ ELA RIR). Pronto. Riu.
- ISABEL - Como você é chato, menino!
- VALENTE - Agora é você.
- ISABEL - Não enche.
- VALENTE - Tem que rir. Anda, ri!
- ISABEL - (PUXANDO OS DOIS LÁBIOS DA BOCA COM AS MÃOS). Nem fazendo assim, tá vendo? Nem fazendo assim.
- VALENTE - Sabe quem que você parece? Você parece a Natalie Wood...
- ISABEL - Não acho a menor graça.
- VALENTE - Se você não rir eu não saio de sua frente, pronto.
- ISABEL - Se você soubesse como você é chato...
- VALENTE - Agora vamos fazer outro jogo. Eu digo um nome de filme, em inglês e você diz outro.
- ISABEL - Não sei nome de filme nenhum em inglês.
- VALENTE - Vou começar: "REBEL without cause".
- ISABEL - Pode parar, que esse filme é o único que eu sei



em inglês. (SILENCIO). Sabe uma história que Davi me contou que eu fiquei gelada? Que vem vindo um planeta de encontro à terra, diz que saiu até no jornal. Diz que o planeta vai ser explodido pelos Estados/ Unidos, mas a explosão vai mudar o eixo da terra/ e aí vai mudar tudo. O que é Norte vira Sul e tem/ lugar que vai desaparecer. Você já pensou se esse/ planeta vem mesmo?

### O IMPÉRIO SECRETO

(De noite no botequim, Valente encena-se, pintando -se com sangue feito de tinta, e Davi está a seu / lado).

VALENTE - Uma vez eu disse: eu também vou pro Convento. Quero ser um monge. Aí eu pensei; " Se eu for eles vão dizer que é por causa do Davi. Depois o Davi sai e eu não posso sair porque vão dizer: o Valente saiu só porque o Davi saiu." No fundo era covardia. Começou como covardia. Então você escreveu uma carta e eu disse: "A carta que eu queria escrever!" E eu comecei a escrever cartas pra pessoas imaginárias, como se eu fosse o Monge, o Iluminado, o Santo. Mas eu não era o iluminado. Eu brincava, como uma criança obcecada, que recebeu uma flecha e saiu sangue. Aí mudou tudo. Aí inventei de ser Imperador Azteca, e eu me sagrei descendente imaginário do Rei Sol, eu era magnânimo, generoso, eu compreendia todos os / meus servos, a minha corte, eu dava tudo que fazia cada um em particular, feliz e eu sabia o que é que cada um deles queria, e era tudo representação. Meu reino era um teatro alegre, campestre. Era a eterna Adolescência. Tinha enigmas, tinha demônios de mentira mas eu fazia questão da legenda. Cada pessoa/ mantinha uma cumplicidade de olho e de traje uma com a outra. E tinha rituais, que no fundo eram /





exorcismos, mas a gente não dizia. Éramos do Império Secreto. Fazíamos da mendicância o nosso luxo. / Eu deslizava em cima das águas como uma gaivota te~~le~~ guiada. (PAUSA). Aí você apareceu de novo. Bastou / você botar o pé dentro desse botequim, pro meu reino partir. Eu ainda chamei o meu reinado, eu disse / "fica, fica...", mas ele foi-se embora, e levou pedras, pedras preciosas, minhas princesas indígenas, / rituais... eu fui abrindo os olhos, fui abrindo os os olhos... e vi. Eu não precisava mais do meu Império Secreto. (VALENTE PASSA TINTA NO ROSTO DE DAVI). Assim você fica parecendo o James Dean.

#### FUGA DE VALENTE

(ISABEL ESTÁ VESTINDO VALENTE, QUE VAI FUGIR DE CASA, DE NOITE, DEPOIS QUE TODOS FOREM DORMIR).

VALENTE - Sombra no olho não...

ISABEL - Claro, idiota, disfarçado... Não dá nem prá perceber.

VALENTE - Se eu for com a tua blusa, e você depois?

ISABEL - Eu pego mais dinheiro na gaveta e compro outra...

VALENTE - Eu te mando uma de presente, então.

ISABEL - Só me escreve uma carta contando, ouviu? Eu vou ficar esperando essa carta a minha vida inteira.

VALENTE - Você só conta prá eles amanhã. Não vai contar antes!

ISABEL - Eu nem consigo acreditar que você vai mesmo, Valente... (PAUSA). Você ficou lindo! Um príncipe!

VALENTE - Você já sabe o quer da tua vida?

ISABEL - E adianta saber?

VALENTE - (VOLTA A SE OLHAR DENTRO DO ESPELHO). Fiquei uma boneca. Você acha que vai dar certo, Isabel?

ISABEL - A gente não pensa essas coisas. Essas coisas a gente nem pergunta.

VALENTE - Então me diz: "Vai". Eu preciso de alguém que me diga: "Vai". (ELES SE ABRAÇAM, ISABEL SE DESFAZ DELE).

ISABEL - Eu nunca vou te esquecer, nunca!

VALENTE - Você jura que não vai me esquecer nunca?

ISABEL - Vai. Anda, vai! (ELA TIRA O COLAR, DADO PELA IN-  
 DIA, E COLOCA NELE). E bota esse colar que você/  
 ganhou em Minas. Pronto, agora você tá um Impera-  
 dor Azteca!

VALENTE - Então ciao, Isabel.

ISABEL - Ciau!  
 (BYE BYE LOVE)

ROSÁRIO

(ROSÁRIO ESTÁ SOZINHA, PERTO DO BALCÃO. SEU GUI-  
 LHERME DORME, NUMA MESA. ISABEL ESPERA, DEBRUÇADA  
 SOZINHA NUMA OUTRA MESA. A CENA É SILENCIOSA, LON-  
 GA. DAVI SE APROXIMA, OLHA PARA ESSE MUNDO SEM PA-  
 LAVRAS, DELIRANTE. ROSÁRIO OLHA UM ANEL DE BRILHAN-  
 TE, QUE ELA TEM NO DEDO. ATÉ QUE DAVI DERRUBA UM  
 COPO).

ROSÁRIO - Davi?

DAVI - Sou eu.

ROSÁRIO - Que susto! (COM PAUSA, ISABEL SUSPIRA).

ISABEL - Pôrra!

ROSÁRIO - Que horror, Isabel!

ISABEL - Pôrra mesmo! (COM CORTES)

ROSÁRIO - Se ele falou que escreve é porque escreve.

ISABEL - E eu esperando a carta dele.? Eu estou pensando /  
 na minha vida! Que que você acha de eu me casar /  
 com o Téco, Davi?

ROSÁRIO - Mas isso quem sabe é você, menina... (ISABEL SUSPI-  
 RA DE NOVO).

ISABEL - Ele é pobre, eu também sou pobre. Ele gosta de /  
 mim mas e eu, gosto dele? Ai, como eu detesto fi-  
 car na dúvida! Ai, eu vou ficar paranóica! (ELA SE  
 LEVANTA E FICA NA PORTA, ESPERANDO. DAVI FICA OLHAN-





DO PRA ROSÁRIO).

DAVI - Onde você arrumou esse anel?

ROSÁRIO - Era da minha madrinha. Ela me deu em Minas, no dia de minha primeira comunhão. (PAUSA) É azul ou é maravilhosa?

DAVI - Azul.

ROSÁRIO - Porque tem hora que é maravilhosa.

DAVI - Então você vê. (ROSÁRIO NÃO DIZ NADA). Eu, você me vê?

ROSÁRIO - O vulto.

DAVI - Que mais que você vê?

ROSÁRIO - A gente de casa eu conheço, quando chega.

DAVI - É gente de fora?

ROSÁRIO - Gente de fora, às vezes. (PAUSA).

DAVI - Você vê ou você conhece?

ISABEL - É interrogatório, é?

ROSÁRIO - Isabel!

ISABEL - Eu tenho que realizar que Elvis não existe. Elvis Presley foi uma convenção da minha cuca. Quem existe é o Téco. O Téco é que vem me pegar para ir ao cinema, o Téco é que passeia de moto comigo, o Téco trabalha e foi o Téco... (ELA PÕE A MÃO NO VENTRE) Ai! acho que estou pagando todos os meus pecados! (PAUSA) Davi, você teria um filho?

DAVI - Acho que teria. Não sei.

ISABEL - Ai! Nessas horas é que me falta o Valente! Ai! Acho que vou parar no hospício! Ai!

ROSÁRIO - Meu Deus, que tanto suspira, menina!

ISABEL - Se o Téco não aparecer eu me mato!

ROSÁRIO - Ficou louca, Isabel!

ISABEL - Me mato!

ROSÁRIO - Não foi você mesma que disse que ia arrumar outro?

ISABEL - Me mato! Juro que me mato!

DAVI - Então espera, que ele já vem vindo.

TÉCO

(TÉCO ENTRA, MONTADO NA MOTO)

ISABEL - (ENQUANTO TÉCO CONTINUA CONTANDO ATÉ SESSENTA). E/ se não der certo? Casamento é fria! Sempre me disseram que casamento é fria! Também se não der certo eu me separo, pôrra Se não der certo eu saio/ prá outra, na hora! E se eu perder esta chance, me conhecendo como eu conheço, vão ser mais sete anos de azar! Eu tenho que resolver é now! é now! é / now! (ELE TERMINA DE CONTAR, PAUSA, ELES SE OLHAM EM PÂNICO). Pelo amor de Deus, Téco! Então só mais um minuto. Esse não valeu! Assim não, Téco! Assim não! Como é que eu posso resolver minha vida inteira num minuto? (ELE PARA, ELA PARA. ELES SE OLHAM, DEPOIS ELE CONTINUA CONTANDO. ELE OLHA PARA ELA E DEPOIS COMEÇA A CONTAR MAIS UM MINUTO. ELA CORRE, SAI E VOLTA VESTIDA DE NOIVA, COM UM BUQUÊ DE FLORES NA MÃO, E NO QUE ELE TERMINA DE CONTAR/ ELA ESTÁ MONTADA ATRÁS. ELE DÁ A PARTIDA E ELES VÃO-SE EMBORA).

COM CORTES

DAVI ESPERA

(EM CENA CONTINUAM DAVI E ROSÁRIO. SEU GUILHERME CONTINUA DORMINDO. SILENCIO).

ROSÁRIO - Você também vai ou você fica?

DAVI - Não sei... (ELE OLHA PRÁ ROSÁRIO, PRÁ O BOTEQUIM. SILENCIO). E se eu for-me embora, e vocês? (SILENCIO). O papai, a mamãe, e você?

ROSÁRIO - Mas se você ficar, você tem alguma coisa prá fazer aqui? Porque por mim não... Não sei o papai e a mãe... Por mim eu não ligo. (ELA VOLTA A SEUS DELÍRIOS, OLHANDO O ANEL, EO BOTEQUIM, COM SEU GUILHERME DORMINDO, VAI-SE APAGANDO AO REDOR DE DAVI).



DAVI - Eu tive o cálice de ouro na mão. De missas que não celebrei. A carne para comer e o sangue para beber. O pão branco, transparente, confeccionado, consumível. Eu vi, e eu acreditei, sem tocar, e houve o tempo que eu toquei: O VERBO QUE EU APRENDI ERA O VERBO HUMANO. Que não bastava na palavra. Nem tudo que passava do lado de fora era o sagrado, o que era / contra minha vontade e contra minha natureza. Minha mão teve o ouro e eu vi o ouro escorrendo entre os dedos e não pude fazer nada, porque eu estava sozinho. Então do silêncio nasceu um som, do som um grito, até que as portas se abriram e de dentro das portas nasceu O VIAJANTE.  
(GRITO DE ROSÁRIO. A CENA SE ILUMINA E PEDRO OLHA PARA DAVI. ROSÁRIO ABRIU AS PORTAS DO ORATÓRIO E TIROU DE DENTRO A CLARINETA).

#### A HERANÇA

(ROSÁRIO ENTREGA A CLARINETA A PEDRO)

PEDRO - (PARA DAVI) Fica com você.

DAVI - Não vai tocar mais, papai?

PEDRO - Todo mundo vai-se embora, então agora é minha vez.  
(DE DENTRO DO ORATÓRIO SURGE A IMAGEM DE JESUS / CRISTO, GLORIFICADO).



## E P Í L O G O

A MORTE DE PEDRO FOCUETEIRO FOI NUM DOMINGO. ELES TODOS SAÍRAM PRA IR NA PROCISSÃO DE "CORPUS CHRISTI" E ELE FICOU, COM ROSÁRIO; AÍ ELE TOMOU UM BANHO, VESTIU UMA ROUPA NOVA E / CALÇOU UM PAR DE SANDÁLIAS, FUMOU UM CIGARRO DE PALHA E FICOU ESPERANDO;

(OS FILHOS VOLTAM, VESTIDOS PARA A PROCISSÃO / "CORPUS CHRISTI" E VESTEM PEDRO, QUE VAI PARA A ETERNIDADE. DEPOIS ELES SE RETIRAM E FICA PE DRO SOZINHA, EM CENA, COM ROSÁRIO. DO LADO DE FORA VOZES DISTANTES DE CRIANÇAS, SINOS, INCEN SO. RITUAL).

- PEDRO - Sua mãe botou as toalhas na janela?  
ROSÁRIO -- Botou. (PEDRO COLOCA UMA COLCHA DE LÃ NUMA DAS JANELAS).  
PEDRO - Deixa tudo aberto, não é melhor?  
ROSÁRIO - É melhor (PAUSA) Faz tempo que o senhor não / fala mais daquela clave, papai. Lembra?  
PEDRO - Você lembra como era?  
ROSÁRIO - Eu não entendia... mas eu achava bonito... Era... Era uma clave diferente, não era?  
PEDRO - E que mais?  
ROSÁRIO -- Mas o senhor não acabou, o senhor acabou? (SILENCIO) Era a clave de Minas, não era?  
PEDRO - E que mais?  
ROSÁRIO - E que mais? (SILENCIO) Eu não entendia, papai. Eu só me lembro que era de Minas. Só isso.  
PEDRO - Era só isso, Minas. (LONGO SILENCIO).  
ROSÁRIO - Me lembro que o vovô falava em inventar o avião,





o Senhor lembra? E o avião só precisa de piloto. Aí veio o Santos Dumont. Depois o tio falou que ia inventar o "Moto Contínuo". Agora o senhor com a chave de Minas.

PEDRO - Você gostava?

ROSÁRIO - Eu gostava. Eu achava bonito.

PEDRO - Não tinha morte mais. Nunca mais ia precisar da morte. Era a salvação. Continuava tudo. Não acabava nunca mais. Era a esperança que tinha vindo. (A VOZ DE ISABEL, DO LADO DE FORA, VOLTA A CANTAR "VIAJANTE / VIAJANTE"). Foi no dia que ficamos noivos. Então fomos fazer um piquenique. Atravessamos a água de canoa, e aí tinha sol. E o sol era do calor do ventre materno. Tinha grama, tinha vento, aí eu olhei pro rosto/ de Adélia e nos olhos começava a primeira nota. Aí ela dançou, com uma sombrinha cor de rosa. E eu me lembro que eu estava encostado numa rocha em forma de cálice, e a rocha era viva. A rocha respirava. E eu assistia Adélia dançando entre flores do campo, então ela veio prá mim, os cabelos soltos, as mãos abertas, o rosto iluminado, a carne iluminada, e nela começava a chave que eu estava procurando.

(A PROCISSÃO DE CORPUS CHRISTI ENTRA, COM BANDA, FLORES, ANJOS, SINCOS TOCANDO).